direção do tratamento



Os nomes do pai e o gozo feminino

Elisabeth da Rocha Miranda

À pergunta "o que posso saber?" Lacan responde: "nada que não tenha a estrutura da linguagem, de onde resulta que até onde eu irei neste limite é uma questão de lógica."[1] Se a linguagem está *a priori*, ela determina os limites do Real, sendo o inconsciente o saber que afeta o sujeito. Freud o concebe como *lugar psíquico* no qual se encontram *representações psíquicas*, chamadas "signos" (*Zeichen*) e têm valor de significantes. A apreensão do ser do sujeito na estrutura da representação significante e a perda aí presentificada determinam o que afeta o sujeito, marcando-o com um saber ao qual ele não tem acesso direto e consciente. Trata-se de um saber não sabido, sempre sexual e comporta o gozo causado e suportado pela linguagem.

A estrutura do inconsciente é lógica e baseia-se no fato de que, "em nenhuma hipótese, nada do que acontece, pelo fato da instância da linguagem, pode desembocar sobre a formulação de nenhum modo satisfatória da relação sexual."[2] O axioma lacaniano " a relação sexual não existe" traduz a verdade de que, no ser falante, o sexo não define nenhuma relação em razão de ser efeito de linguagem., pois ela não só impõe limites à apreensão do Real, como se determina pela impossibilidade dessa apreensão, pelo esforço de situar no discurso o que possa haver de Real. Este, como indizível, presentifica um ponto de falta determinante de todo o discurso.

A lógica do inconsciente, que se refere à linguagem, organiza-se em torno do ponto de falta, o qual nos permite encontrar uma orientação no discurso, em suas tentativas de dar sentido, de significar o que jamais terá um só significado. O real comanda toda a função de significância; por isso, não é possível ao significante dizer tudo ou representar um sujeito. Ele só o faz para outro significante. "Nadamos na significância e não podemos apreender todos [os significantes] ao mesmo tempo. Isto está interditado pela estrutura mesma do significante; quando temos alguns, os outros estão recalcados".[3]

[1] LACAN, J. (1973) *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993, p. 65

[2] LACAN, J. (1971-2) *Le seminaire, livre 19:...ou pire*. Inédito, aula de 8 de dezembro de 1971.

[3] Ibid aula de 15 de dezembro de 1971

Lacan propõe o objeto dessa lógica como o que se produz pela necessidade de um discurso. Desse modo, a lógica pode trocar completamente de sentido conforme o lugar a partir do qual cada discurso toma seu sentido. No entanto, todo discurso, tenha ele qual sentido for, orienta-se pela tentativa de abordar esse ponto de inapreensível, de real. Dito de outro modo, o real, ao se opor ao completo aprisionamento do discurso, presentifica uma abertura irredutível. Passível de ser definido rapidamente como o impossível, torna-se também o "paradigma do que põe em questão o que pode sair; escapar da linguagem"[4], ou seja, o sexo.

O sexo permite a reprodução do que se denomina um corpo vivo. Ele, contudo, não se reduz a isso. Como Lacan adverte, há muita confusão em torno do postulado de Freud sobre a função do sexo e a função da reprodução. A reprodução da vida que, em sua forma mais primitiva, emerge de algo o qual não é vida, nem morte, e reside na programação cromossômica das células. Não há, de um lado, o sexo associado à imagem de um corpo destinado à reprodução pela via do amor e, de outro, um corpo obrigado a se defender da morte. A castração aponta isso como limite, como a finitude desse corpo representada pela morte. Possuímos um saber, sempre não todo, sobre um corpo do qual precisamos nos defender, pois vira carne podre e contém a reprodução da vida, pois somos gerados por um útero de desejo. Entre a carne do corpo e o desejo se produz uma perda. O sujeito tenta recuperar algo da perda, da castração e, nessa tentativa, o que ele consegue é gerar gozo.

"A vida e a morte mantém um diálogo que seria sem dramas se um elemento não interviesse neste equilíbrio e esse elemento é o gozo."[5] A inadequação do ser falante, em relação ao seu corpo próprio, fundamenta-se pelo gozo. O corpo esculpido pela linguagem, corpo pulsional, é, no dizer de Lacan, um deserto de gozo. Deserto de gozo na medida em que o objeto da satisfação pulsional está sempre no Outro e só é atingido com o recurso da fantasia que é sempre sexual. Esse gozo, fálico, introduz-se pelo Outro, e essa intrusão se ordena na repetição corporal que lhe é própria. Nesse campo, o parceiro do sujeito adquire peso. Designado como homem ou mulher, esse parceiro só o é, porque a linguagem funciona originalmente como suplência ao gozo sexual.

Freud recorre aos mitos para entender de forma lógica a

[4] LACAN, J. (1971-2) *O Seminário, livro 19..ou pire* Inédito, aula de 8 de dezembro de 1971

[5] Ibid.

impossibilidade da completude na relação sexuada. Com o mito edípico, trata da aproximação do homem em relação à mulher. Utiliza o mito de Totem e Tabu como um momento lógico prévio, que funda a cultura. Nele, o homem primitivo- um orangotango- gozaria do que não existe, porque o homem original gozaria de todas as mulheres. Ora, isso é impossível: o homem tem seus limites e não pode dar conta de todas as mulheres, essencialmente porque não existe "todo" das mulheres. Ainda, para uma parte delas, a função sexual se mantém como enigma para si mesmas.

Em "Inibição Sintoma e Angústia", Freud chega a dizer que a mulher está sob os efeitos da castração, mas ainda assim não sofre a angústia de castração, ou seja, algo não está de todo na castração, pois falta a ela o suporte imaginário do falo.

Lacan, por sua vez, interroga a estrutura do inconsciente a partir da lógica do *não – todas*, cuja função do "não-todas" não é a afirmação de que há alguns, dentre os seres falantes, fora da norma fálica..Em vez disso, o "*não-todas*" indica que, em alguma parte, e só isso, elas, as mulheres, têm relação com a norma fálica".[6]

Logo, há apenas o fálico e o fora da norma fálica. Nesse sentido, não há dois sexos, pois tanto homens quanto mulheres estão na norma fálica. Como ensina Freud, a libido é masculina. Se for certo que o sexo é real, Lacan dirá: "no real, não temos dois, do que se trata quando falamos de sexo é do outro sexo inclusive quando se prefere o mesmo."[7] Trata-se da relação do sujeito com a falta advinda do Outro, e a relação com o outro sexo é a relação com o absoluto, com o fora da norma fálica, com a alteridade em si mesma.

A alteridade é inerente a todo sujeito do inconsciente; logo, aos sexos. Para a mulher há uma causa fálica da feminilidade no inconsciente, mas é não toda, há algo que escapa à maternidade, à causa fálica que uma mulher pode encontrar com um homem. A feminilidade está ausente no inconsciente e não há um significante que possa inscrevê-la, por isso a mulher encarna a alteridade, estabelecendo uma relação direta: a "outra ela" que está nela mesma e, à sua revelia, torna-a louca em determinados encontros. Se "as mulheres são loucas, é justamente por isso que elas não são todas, não loucas de todo". A mulher tem acesso a um outro gozo, suplementar, diz Lacan, que a faz experimentar-se como "ausente

[6] LACAN, J. *Le Seminaire, livre 19: ...ou pire*. Inédito, aula de 12 de janeiro de 1972

[7] Ibid., aula de 4 de maio de 1972

em si mesma, ausente enquanto sujeito".[8]

O gozo suplementar feminino situa-se na abertura para a falta no Outro, o que o torna infinito. Há um ponto inapreensível de real, de para além do sexo, de sem objeto, no qual se verifica a incidência do outro gozo feminino. Lacan situa a inconsistência lógica do feminino não como um furo, como uma falha, mas como a presença de um real cujo limite é indizível. Situada nesse lugar, justo onde não há discurso que possa frear o gozo, lugar em que o real se presentifica, a mulher enlouquece e apresenta fenômenos delirantes, alucinações visuais e auditivas e devaneios.

Já, em 1933, no texto "A feminilidade", Freud aponta a relação entre vida pulsional e feminilidade. Essa relação, bem como a impossibilidade de sublimar a libido, significa que o desejo feminino está ligado a uma pulsão sem sublimação possível, diretamente conectada ao real e, como dirá Lacan posteriormente, não passa pelo significante, permanecendo fora da castração.

A mulher sempre povoou o imaginário humano, justo porque nela há algo que insiste em não se inscrever sob a forma de um saber. Há para ela a possibilidade de um gozo chamado por Lacan o outro gozo, do qual nada se sabe.

O outro gozo, fora da linguagem, o qual experimenta-se e não se sabe nada dele, coloca o sujeito na via da ex-sistência e tem a ver com "o ser da significância[9]". "O ser da significância" habita os furos, precisamente em S(Ⱥ); é o significante de uma significância que não chega a significar, significante da significância que falta"[10]. O ser da significância é o real não significado que habita a falta no Outro S(Ⱥ). "Como o ser não tem outro lugar senão o lugar do Outro que, designo com o A maiúsculo, vê-se o envesgamento do que se passa. Como é lá também que se inscreve a função do pai no que ela remete à castração, vê-se que isso não faz dois deuses, mas que isso também não faz um só"[11]. O gozo feminino não serve a dois deuses, mas a um só, o fálico, e situa-se em relação ao que fica fora do reinado do falo. Tanto a inscrição do significante Nome-do-Pai, quanto o que a excede situam-se em um mesmo lugar no Outro.

O falo é um significante e, como tal, situado no nível da substância gozante[12].

A substância gozante é o que evoca o vivente, a vida como mais ampla que o corpo sexuado, como diz Lacan em Radiofonia

[8] LACAN, J. (1972-3) *O Seminário ,livro 20: Mais ainda...* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora,1985 p.49

[9] LACAN, J.(1972-1973) *O Seminário livro 20: Mais ainda.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985 p.96

[10] GALLANO, C. *La alteridad feminina* Asociación Foro del Campo Lacaniano de Medellín 200, p.109

[11] LACAN, J. (1972-1973) *O seminário, livro 20: Mais ainda.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora,1985 p. 103.

12 Idem, p. 35.

a propósito do Pólipo dos corais. A substância gozante evoca um real que não deve nada ao simbólico, evoca a vida. Um gozo, no âmbito da substância gozante, é aquele que não se sintomatiza, que não faz letra de gozo, fazendo-se presente na clínica sob a forma de angústia, como a manifestação de um outro gozo. Em *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, Lacan aborda o gozo colonizado pelo significante diferenciando-o da substância gozante. O gozo colonizado pelo significante é a substância gozante determinada pelo significante. Tal proposição leva a pensar: não é toda substância gozante que se pode falicizar, ou seja, existe uma parte dela que se experimenta no outro gozo feminino. Se a mulher é não-toda fálica, é situada aí, na parte da substância gozante, fora do simbólico, na experiência do outro gozo no qual ela sofre seus desvarios.

Se não há um dizer possível do gozo outro feminino, haveria um saber neste impossível de dizer? O saber é a cadeia de significantes, e se aloja entre dois significantes. O gozo feminino é outra coisa, é o que faz da metáfora um refúgio. Para falar do feminino precisamos nos retirar da razão universal e, por isso, Lacan o aborda pelo viés da lógica do não-toda. Este acesso a S(Ⱥ) é uma particularidade do feminino, não é a posição feminina, esta, de consentir em ser objeto causa de desejo para o parceiro. O feminino é o que escapa ao Um fálico.

A relação das mulheres com a castração é peculiar e acarreta múltiplas repercussões na clínica do sujeito relativas ao feminino, pois ele insiste em não se inscrever. É o que nos mostra Maria, uma jovem de treze anos, cuja queixa é o relacionamento mantido com a mãe, com quem vive, a um só tempo, uma agressividade sem limites e a impossibilidade de separação. Passa os dias na Igreja; tem a idéia fixa de ser freira. A demanda de análise desse sujeito vem acompanhada de um dito até então tomado como capricho de adolescente: "Ou me deixam ir para um convento, ou eu morro, não vou resistir".

Maria faz parte de uma "grande família". Aos sete anos, a mãe e seu padrasto casaram-se em seguida ao rompimento de relações anteriores e, logo após, a ex-mulher do padrasto morreu. Naquela ocasião, Maria vivia com a mãe, uma irmã mais nova, o padrasto e seus três filhos. Descreve a mãe como uma louca, incapaz de gostar de alguém, além dela mesma. O pai "é um fracas-

sado", não dá conta de suas responsabilidades e nunca conseguiu fazer valer sua vontade perante a mãe. O padrasto é outro pateta nas mãos da mãe.

Desde os sete anos, Maria escreve cartas dirigidas ao seu Deus, nas quais fala de um amor eterno, puro, sem máculas, como "só o amor a Deus pode ser". No convento passa os dias rezando e sem se alimentar, durante os retiros. Num deles, durante a oração para Santa Terezinha, sentiu sua alma sair do corpo. Descreve o fato com inigualável sensação de prazer, interpretando-o como um chamado divino. Foi encontrada na capela, inerte e de joelhos. Não sabe quanto tempo permaneceu ali. "Talvez eu não tenha conseguido 'ir até Deus' por causa do ódio e das brigas com minha mãe". Na primeira fase de sua análise, o discurso de Maria gira em torno do desejo premente de ser freira, e das proibições da mãe. De seu encontro com Deus ou com santa Terezinha não fala mais, até as freiras chamarem sua mãe, pois Maria havia sido encontrada novamente na capela, deitada no chão e inerte.

A partir de uma intervenção que barra o discurso em torno do "ser freira", Maria passa a trazer sua vida edípica. Um sonho desperta o seu interesse por um rapaz, trazendo-lhe o sentimento de ter falhado com Deus.

Maria tem quatorze anos quando noto, durante sessão, sangue vivo brotar de seu corpo através do vestido. Ela usava um cinto na altura do umbigo com cravos a lhe furar o abdome, como punição por seus desejos indecorosos pelo rapaz. De seus encontros com a Santa no convento, Maria não fala, mas goza. Por um lado, é como se seu Deus lhe imputasse a lei para ela não se perder, como dizia haver se perdido a sua mãe, mas por outro homem. Por isso, seu Deus lhe cobrava o sacrifício total.

Ela deseja aniquilar-se, sentimento ligado à fantasia e a punição por gozar pela via do sintoma, traindo seu Deus com o rapaz. Mas, estabelece também um laço com o gozo suplementar feminino, na medida em que o sacrifício do cinto leva-a à Santa e a faz experimentar um gozo do qual não há o que falar, a faz sentir-se ausente de si mesma.

Em análise, o êxtase encontrado no sacrifício à Santa Terezinha foi substituído pela loucura no encontro com o homem. Maria vai viver com o namorado e, mais uma vez, se experimenta como perdida e louca. Os episódios de gozo fora da norma fálica

ocorrem de forma paralela à análise, mas não constituem objeção a ela. A análise segue com as queixas, os ciúmes, as reivindicações fálicas e as conseqüências subjetivas do encontro com um gozo que abole o sujeito, ultrapassa-o, deixando-o "entre uma pura ausência e uma pura sensibilidade"[13]

A iniciação sexual dessa jovem desvela a privação feminina interpretada como ameaça de castração. O recurso ao Nome do Pai claudica e o apelo ao Deus Pai surge como tentativa de simbolização do que a torna perdida em si mesma. No sacrifício endereçado à Santa Terezinha, ela encontra a máscara, o semblante que a faz dizer-se mulher e se endereçar a um homem, mesmo mantendo com ele uma relação devastadora. Sente-se mulher porque fracassa como santa, mas as manifestações do gozo outro, desses encontros com o vazio, com a falta no grande Outro permanecem.

Maria, ao romper o namoro, passa a sair na *night* e o fim de noite, após a partida dos amigos, é cama de estranhos aos quais se oferece sem escolha. O vazio infinito e sem palavras, experimentado por Maria quando os homens se vão, anuncia a morte. Ela afirma: a morte é isso....., um vazio no qual não cabe mais nada.

Lacan, na introdução ao "Despertar da primavera", peça de Wedekind, retoma a questão dos nomes de Deus articulada ao gozo feminino. Mas o pai tem tantos nomes, que não há um que lhe convenha a não ser o Nome do Nome do Nome. Só há Nome como ex-sistência, como *semblant* por excelência. No lugar do vazio que ex-siste, Lacan coloca A mulher como Pai-versão. A Deusa Branca, aquela que se perde na noite dos tempos, por ser a Diferente, o Outro perpétuo em seu gozo. No entanto, "esse encontro com o outro gozo divide o sujeito feminino e, com isso, gera defesas, recursos e exigências específicas"[14]

Maria, ao avançar no deciframento de seu sintoma neurótico, esvazia as manifestações do outro gozo. O pai fracassado, o padrasto pateta, Deus, Santa Terezinha, são recursos construídos pela estrutura histérica desse sujeito para se defender deste outro gozo aniquilante que toma a cena.

É fato clínico, ao final de uma análise, pode-se chegar ao real do gozo pulsional. O sujeito adquire um saber sobre sua forma de gozo, sobre sua vida pulsional, sobre a posição que ocupa enquanto objeto do Outro. No entanto, não se pode chegar a

[13] LACAN, J. (1960) Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina IN: *Escritos* Rio de Janeiro Jorge Zahar Editora, 1998,p.742

[14] SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora,2006 p.38

apreender algo do outro gozo feminino, porque aí não há representação que determine o sujeito. Este gozo é infinito e sem barras. Que saber se deposita aí onde o discurso não se faz presente? O que se pode saber desse gozo excedente à linguagem? Se nada podemos saber desse resto incortornável, a única saída possível é "saber fazer" com este inapreensível. Saber fazer que será sempre assegurado pela fantasia e pela norma fálica, o que nos permite dizer que o deciframennto do sintoma, situando melhor o sujeito na norma fálica, pode levar ao esvaziamento do outro gozo.

referências bibliográficas

GALLANO,Carmem.*La Alteridad feminina* Medellín: Editora; Associacion Foro del Foro del Campo Lacaniano de Medellín, 2000

LACAN, Jacques. *O seminário livro 20: Mais ainda* (1972-1973) Rio de Janeiro:Jorge Zahar Editor, 1985

LACAN, Jacques. *Le Seminaire-livre 19 Ou..Pire* (1971-72) Inédito

LACAN,Jacques.(1974)*Televisão*.Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,1993

LACAN, Jacques(1960) Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina.In:*Escritos*. Rio e Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998

SOLER, Colette.*O que Lacan dizia das mulheres* Rio e Janeiro: Jorge Zahar Editor,2006

resumo

Este trabalho pretende discutir, com base na clínica, o que pode uma análise em relação ao gozo suplementar feminino que em muitos casos toma a cena mascarando o sintoma. Sabendo que o gozo feminino excede a linguagem e situa-se no lugar onde o discurso não se faz presente, a autora questiona o destino dado a esse excesso na direção da cura. Um fragmento clínico aponta para o resto incontornável com o qual é preciso saber fazer.

palavras-chave

Real, Gozo feminino, discurso, alteridade, os nomes do pai

abstract

This work intends to discuss, based on the clinic, what an analysis can do with the feminine supplemental joy that in many cases takes the scene masking the symptom. Knowing that the feminine joy exceeds the language and is placed where the discourse does not be present, the author questions the fate given to this excess in the direction of the cure. A clinic fragment points to the remaining rest which is necessary to know how to do with it.

key-words

Real; feminine joy; discourse; the names of the father.

recebido

02/03/2007

aprovado

07/05/2007